

ponto final.

句號報

SEX, 6 JULHO, 2018 • ANO: XXI • Nº: 3990 • SÉRIE: III • DIRECTOR: RICARDO PINTO • MOP 10



**Junte-se à luta
contra a
Febre de Dengue**



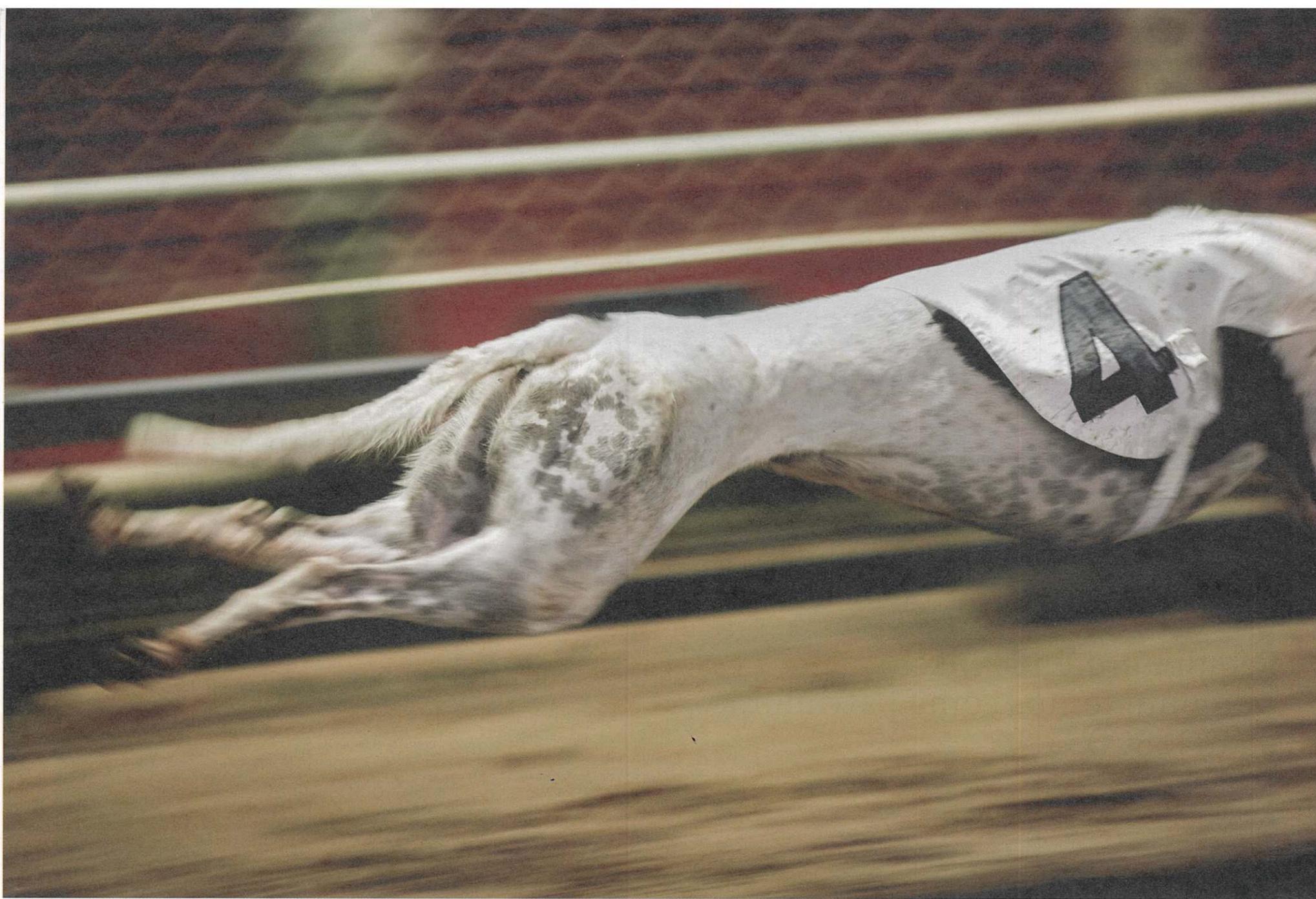
**Não deixe lixo no
chão para evitar
acumulação de água**

Grupo de Trabalho de Prevenção Contra
a Febre de Dengue do Governo da RAEM

GRANDE REPORTAGEM

Cumpriu-se a derradeira volta no Caníndromo

● P. 10-15



O último estertor da pista infame

Cumpriu-se a 30 de Junho, a última corrida de galgos na pista do Canídro. O PONTO FINAL acompanhou as últimas semanas de actividade de uma estrutura que encerra portas a 21 de Julho, através da percepção de um jogador e proprietário de galgos, de apostadores, adoptantes e do veterinário-chefe da Yat Yuen, que assegura, contra as evidências, que a eutanásia não é o último recurso para os animais que deixam de competir.

REPORTAGEM DE SÍLVIA GONÇALVES (TEXTO)
E EDUARDO MARTINS (FOTOGRAFIA)

Sobre a folha espessa de papel, definem-se os contornos de um galgo a carvão. Apoiado nas grades, repete o artista, em traços largos, fluídos, a silhueta tantas vezes representada. Dedos manchados a negro, quase vinte anos a atravessar a fronteira, trazido pela vontade de fixar o movimento de criaturas de porte esguio, cuja velocidade atingida em pista não cessa de o espan-tar. Frente ao artista com estúdio em Zhuhai, a arena circular, em areia, onde os 'dog handlers' seguram os galgos pela trela. Hirtos, a salivar, de olhar fixo na pista, açaimo metálico cravado no focinho. Pressentem os animais o sinal de partida, que há-de soar dali a instantes. Solstício de Verão, 21 de Junho. Em noite muito quente, a um exacto mês do

encerramento do Canídro, dezenas de espectadores aguardam placidamente, corpo vergado sobre as grades, enquanto uma voz dormente debita nos megafones. Avançam homens e animais para a pista. Caminham lentamente, até ao extremo oposto do recinto, onde os seis galgos, sempre na dianteira, são empurrados pelos homens para dentro de caixas estreitas e metálicas. Bandeirola vermelha agitada ao alto e dispara a lebre mecânica na corrente. Abrem-se as caixas e lançam-se os animais, velozes, num reflexo condicionado, pavloviano, que impõe, em escassos segundos, a perseguição do predador por uma presa ilusória. Terminada a primeira das 12 corridas da noite, só um homem se dirige para a "Área de Proprietários". "Hello,

mate!", atira Yi Yin Foon ao Cosmic Turbo, ainda a arfar do último embate com a terra batida. Yi, engenheiro civil reformado, é proprietário de cinco galgos. No espaço que lhes está reservado, sentado num coçado banco de jardim, o senhor Yi espalha afagos pelo lombo do Cosmic. Pede ao 'handler' que lhe tire uma fotografia com o animal, que adquiriu em 2015 por 18 mil dólares de Hong Kong e que lhe rende cerca de 1600 por mês. "O Cosmic hoje ficou na terceira posição, o que é muito bom, pois os cães 5 e 6 são muito bons. Vivo em Zhuhai para estar mais perto do Canídro e vir às corridas todas as semanas", conta Yi, num inglês sem mácula, resultado dos anos passados em Louisville, no Estado norte-americano do Kentucky, onde se fez engenheiro.

Vai querer ficar com os cães daqui a um mês, quando o Canídro encerrar? "Não, isso dá muito trabalho e despesa, alimentá-los, é preciso ter muito espaço. Gostava que fossem adoptados". Acredita que é isso que vai acontecer? "Acho que não, está fora do nosso controlo". Na corrida nº8, às 21h45, vai correr outro dos seus cães, Louisville Pride. Yi conta que ganha por mês, em média, "uns 2400 dólares de Hong Kong com cada cão". Diz ter feito 12 mil dólares no mês passado, valores líquidos, depois de retiradas as despesas de manutenção que ficam com o Canídro.

"É UMA PÁGINA DA HISTÓRIA DE MACAU QUE SE FECHA"

Mostra o anel de graduação, volumoso, onde está inscri-

to 1976. A ligação a Louisville, onde tirou Engenharia Civil, justifica o nome dado a quatro dos seus galgos. Logo após a licenciatura, deu-se o regresso à China, onde nasceu, na província de Guangdong, de onde se mudou aos quatro anos para Hong Kong. Depois da reforma, adquire casa também em Zhuhai, pela proximidade a Macau. “Há quatro anos que isto é a minha carreira. É um modo de vida. Isto não é uma questão de dinheiro, é a alegria de ver os meus cães a correr”. Acredita que eles são felizes aqui? “Eles são felizes. Quando pergunto ao treinador, ele diz: ‘os seus cães são felizes’. Aqui têm espaço, numa casa estariam confinados. Estou triste com o encerramento do Canídro-mo, é o único na Ásia, é uma página da história de Macau que se fecha”. Depois da corrida nº8, repetem-se afagos e fotografia, agora com Louisville Pride, no quadrado gradeado, sob o olhar atento do treinador. “Good boy, good boy!”.

Porque tira fotografias com eles? “Porque daqui a pouco tempo vou deixar de os ver. Imagino que só até à semana que vem, final de Junho. O Canídro-mo fecha daqui a um mês mas precisa de tempo para tratar das coisas. Depois vou vê-los nas fotografias”. Assim que soa o toque de partida, acelera o passo, aproxima-se rapidamente da grade branca junto à pista, tomado pela adrenalina. Mais uma volta à pista, percorrida pelos galgos a uma velocidade indizível, menos de vinte segundos. Atingida a meta, a lebre recolhida, regressam os cães em marcha lenta, trazidos pelos ‘handlers’.

No recinto de areia estão já seis novos galgos, aptos a competir na próxima prova. Passam em fila por um pódio metálico, onde são rapidamente vistoriados pela veterinária. Alguns levam ligaduras nos tornozelos. Retiram-lhes as faixas com números do lombo. Ouve-se à distância o ladrar insurdecedor dos galgos

enjaulados no canil. Agitados, caminham na arena circular coberta de areia. A arfar, defecam e urinam em simultâneo, segurados, sempre, pela trela apertada dos ‘handlers’, os mesmos que os encaminham depois para a pista. Fato vermelho e branco. Entorpecidos, não comunicam entre si. Cinco minutos antes do sinal de partida, repete-se a incessante marcha lenta de homens e bichos. Nas grandes bancadas verdes, a dormência de quem, estirado em assentos puídos, aguarda o disparar da lebre mecânica, que arrasta atrás de si seis galgos, ávidos, que avançam pela terra batida.

Esmoreceu, entretanto, o ímpeto que durante décadas atravessou as bancadas do último Canídro-mo asiático legal, fundado a 28 de Setembro de 1963 pela Companhia de Corridas de Galgos Macau (Yat Yuen), com uma curta existência anterior, entre 1932 e 1938, interrompida pelo deflagrar da Guerra Sino-Japonesa. No último



estertor da pista de corridas de cães, imposto pelo Governo em 2016, as corridas deixaram a periodicidade diária e já só acontecem às terças, quintas e sábados.

No sábado seguinte, 23 de Junho, escassas dezenas ficaram, uma vez mais, o calor que fustiga o corpo. “Coed, corre, querida, faz o teu paizinho feliz!”, grita Yi Yin Foon, inclinado sobre as gra-

des, enquanto bate palmas à passagem dos galgos. “Ela é honesta, dá sempre o seu melhor”, atira. E Louisville Coed faz-lhe a vontade, cruza a meta na primeira posição. Yi acelera depois, extasiado, para a área dos proprietários, onde aguarda a chegada de Coed, que terá ainda que percorrer a pista em sentido contrário, em passo lento. A entrada no quadrado gradea-

do, Coed arfa, língua estendida, ainda mal reposta da velocidade atingida minutos antes. Posiciona-se a cadela à frente do dono, para a habitual fotografia. Com esta vitória, a 32ª, Coed acaba de lhe render 2400 dólares, conta Yi. “Começou a correr há três anos e meio. Até hoje já me rendeu 20 mil dólares de Hong Kong”. Valor aquém dos 29 mil que pagou





YI YIN FOON, PROPRIETÁRIO DE CINCO GALGOS

por ela quando a adquiriu em hasta pública.

“A GENTE SABE QUE OS MATAM, INJECTAM-LHES UM REMÉDIO, É A PRÁTICA HABITUAL”

Apoiado junto à pista, um homem de meia-idade observa, de olhar carregado. “Venho cá há 10 anos, sou de Hong Kong. Um amigo meu tinha aqui dois cães, um morreu no ano passado, outro no início deste ano. Partiram as pernas ali na curva”, aponta. “A gente sabe que os matam, injectam-lhes um remédio, é a prática habitual”. O Caní-

dromo comunicou isso ao seu amigo? “Não lhe disse, mas ele sabe”, conta. A amargura de uma memória recente não lhe espanta, contudo, o desgosto pelo encerramento das instalações. “Fiquei muito desiludido quando soube que o Canídrodo ia fechar. O que vou fazer agora? Como vou matar o tempo? Estou reformado, tenho outros interesses”. E os interesses, esses, remetem uma vez mais para a dimensão do jogo. “Gosto de apostas de futebol. Apostei na vitória da Rússia, no 1º jogo do Mundial, apostei que ganharia por 4-0 ou 5-0. Ganhei mais de 10 mil dóla-

res de Hong Kong!”. Não fica por aí, o vínculo às apostas. “Venho aqui todos os sábados, aos domingos aposto nos cavalos de Hong Kong. Aqui, nunca aposto muito, 10 a 30 patacas por cão”. Esclarecida, por ora, a gestão do tempo, regressa o jogador, desorientado, ao desgosto perante o irreversível. “Tantos anos que isto durou, mais de 80. Com o Stanley Ho, isto nunca aconteceu. Quando vi nas notícias que ia fechar, não acreditei. Só quando ouvi a Angela Leong a dizer, é que percebi que era verdade. Estou muito desiludido”. Com os olhos postos na curva mortal, re-

toma o episódio atravessado na memória. “O meu amigo nunca mais veio, desde que lhe morreram os cães. Nunca mais o vi aqui, ficou muito triste. Quando os vi partir as pernas, rebentei em lágrimas, fiquei muito triste”, sussurra, para se afastar de seguida, em direcção ao bar. Na área das apostas, dezenas de homens fitam os monitores. Amontoam-se os talões brancos pelo chão. Incurções apressadas aos balcões. Dos 42, a denunciar o frenesim de um outro tempo, só uns seis acodem, ainda, os ímpetos dos apostadores. Rodam as ventoinhas, decrépitas, que pendem do

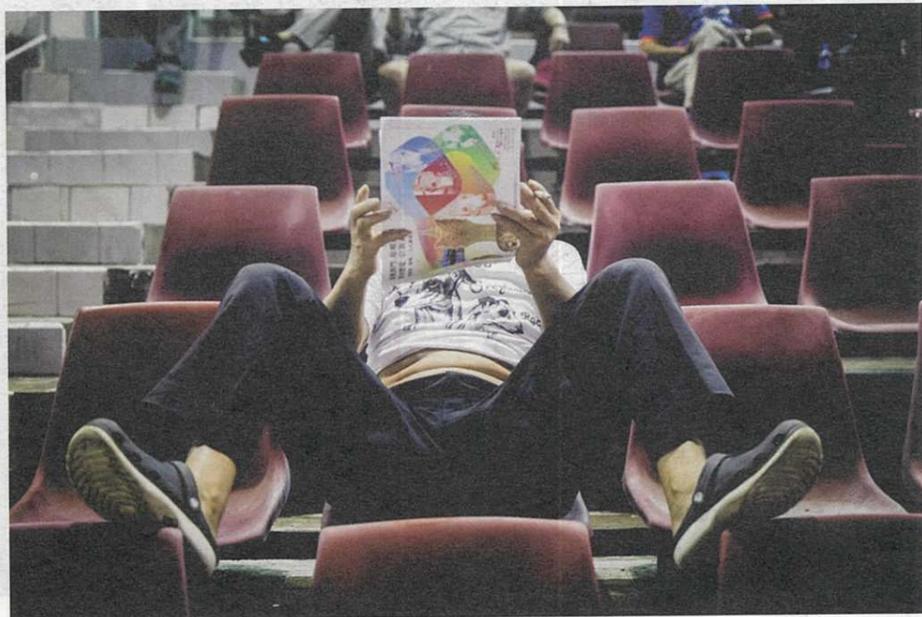
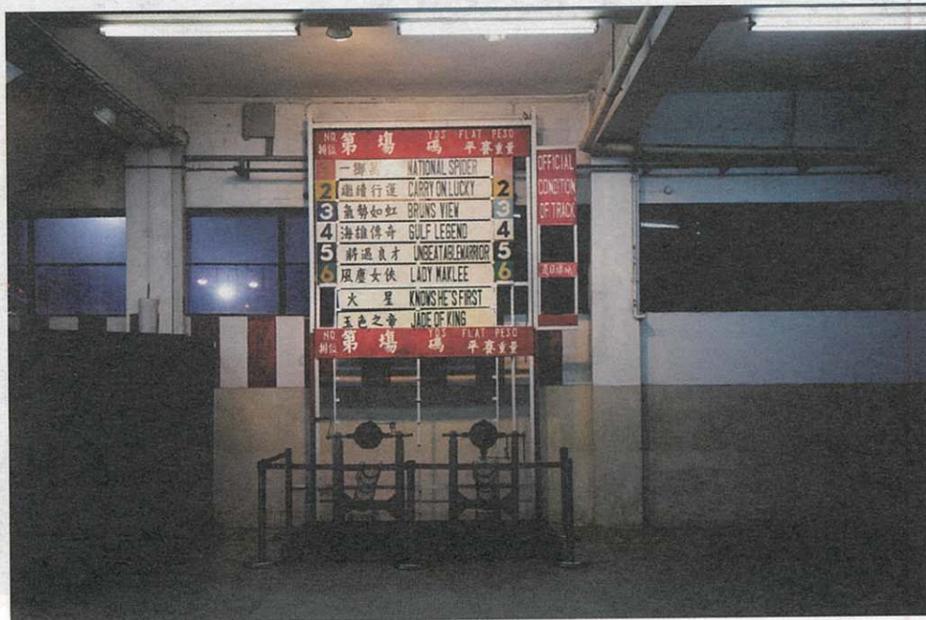
tecto. No balcão das bebidas, uma velha senhora alinha na vitrine os ‘souvenirs’ do Canídrodo. Em cada pilar, meninas de Xangai, nos cartazes anos 30.

“JÁ NÃO HAVERÁ MAIS CÃES QUE TERÃO QUE CORRER DURANTE TODA A SUA VIDA”

Um outro público, com diferentes motivações, chega-se à area aberta do Canídrodo, no dia seguinte, 24 de Junho, o segundo domingo de adopção de galgos organizado pela Yat Yuen, depois de um primeiro, a 17 de Junho, que terá contado com adesão escassa, e onde só terão sido apresen-

tados 15 animais para adopção, cinco deles adoptados pela Sociedade Protectora dos Animais de Macau - Anima. Ao início da tarde, Viviana Gomez segura já pela trela a cadela que acabou de adoptar, enquanto a mãe preenche os formulários da Yat Yuen e do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), também presente no recinto, representado por alguns funcionários identificados. Natural de Macau, Viviana, de 20 anos, explica a decisão de adoptar. “Todos eles são adultos, merecem uma casa, trabalharam quase toda a sua vida aqui, penso que deveríamos fazer alguma coisa por eles”. Sobre o encerramento do Canídrodo, a macaense assume uma posição clara. “Penso que é uma coisa boa, porque já não haverá mais cães que terão que correr durante toda a sua vida. Mas ainda há mais de 600 cães que têm de ser adoptados, espero que tenham uma casa o mais rápido possível”.

Simon e Kaitlyn Lee circulam pelo recinto, espreitam os formulários nas banquinhas da Yat Yuen e do IACM. Olham os galgos que vão sendo trazidos da arena de areia pelos ‘handlers’, num total de 50 ao longo da tarde. “Descobrimos que são 650 cães e pensamos que talvez possamos fazer também algo por eles. Por isso contactámos o Rescue + Freedom Project, dos Estados Unidos, eles são especialistas em resgate, desde cães de laboratório até cães de corrida. Espero que consigamos uma melhor casa para eles todos, não num canil, onde não sabemos como serão tratados. Ouvimos que estes cães serão levados para a China, e sabemos como a China trata os cães”, conta Simon, de 31 anos. O casal de Hong Kong, chega hoje aqui



sobretudo com o propósito de adoptar um galgo. “Vamos tentar fazer tudo de acordo com as regras, preencher os formulários, ver que preparativos podemos fazer com o Canídromo, antes de o poder levar para Hong Kong, para a quarentena”.

O processo moroso em que vão embater não esmorece o casal, que já conta com dois cães tirados das ruas. “Sempre tivemos cães resgatados, por isso compreendemos o processo, não é muito simples, há sempre burocracia envolvida. Serão mais que quatro meses, porque não há espaço para quarentena em Hong Kong até Dezembro. O mais cedo será cerca de 10 meses de espera, mas estamos preparados para isso”.

Também Euphin Chan, de 41 anos, veio de Hong Kong com o propósito de adoptar. “A minha casa é adequada para um galgo, tenho espaço, tenho quem possa tomar conta dela 24 horas por dia, tenho experiência a cuidar de cães, sou uma defensora apaixonada pelo bem-estar animal. Achei que tinha que fazer algo quanto a isto. É um movimento em prol de já não se usar animais para entretenimento. Temos que fazer um esforço para acabar com isto, dar-lhes uma casa”.

Com a cadela adoptada junto si, Euphin foi já informada de que não a poderá levar hoje para casa. “Um cão tem que ser primeiro esterilizado, se vai deixar Macau. Em segundo lugar, tem que ficar em quarentena em Hong Kong, por mais quatro meses”. E que nome terá ela? “Aqui chama-se ‘Paixão pela vida’, algo assim, em chinês. Darei o nome ao qual ela responder. Ela escolherá o seu nome, não eu”.

Max leong preenche o formulário apoiado na mesa do IACM. Óculos de sol, calças coçadas, botas a compor a imagem punk. Nascido em Macau, Max cresceu no Canadá, assume ter medo de cães, mas é ele quem logo de seguida segura o Black Horse, galgo acabado de adoptar por Emma Chao, a namorada, também ela de Macau. “Penso que toda a gente está preocupada. Nós, cidadãos, preocupamo-nos com a vida”. O que significa o encerramento do Canídromo? “Já ninguém vem aqui. Espero que, depois de encerrar, eles mantenham este campo de futebol para as crianças. Estou muito feliz com isto, que deixem os cidadãos tomar conta dos galgos. Há muita gente a participar,

a levar estes pequenotes para casa”, diz Max, enquanto observa o galgo preto, de grande porte, que já hoje seguirá para a casa de Emma.

Junto à banca da Yat Yuen, dois indivíduos seguram dois galgos pela trela. Dizem ser da China continental. Só um, que não é de nacionalidade chinesa e fala inglês, explica a motivação para adoptar: “É por amor. Sou de Zhongshan, Guangdong”. É a primeira vez que adopta um galgo? “Sim, é a primeira vez”. Poderá levar o cão já hoje para a China continental? “Sim, talvez amanhã”. Sobre o encerramento das instalações, atira apenas: “É tão triste, é a cultura de Macau”. Pouco depois, assume ser ‘handler’ no Canídromo, onde trabalha há cinco anos, mas pede para não ser identificado. A seu lado, também com um cão pela trela, está o cidadão chinês, do continente, que prefere não falar. Nas mãos dos dois, dois galgos, um macho e uma fêmea. Depois das poucas palavras trocadas com o PONTO FINAL, o ‘handler’ é chamado por um funcionário mais velho do Canídromo, que com ele discute em surdina, costas voltadas para o público. Pressente-se a tensão que envolve o ‘handler’.

Terminada a discussão, perguntámos, à distância, se está tudo bem. “Não”, responde o ‘handler’, sem articular um som. Pouco depois, os dois afastam-se com os galgos para as bancadas.

Ao contrário do que acontece com a dupla que diz ser da China continental, aos adoptantes de Hong Kong não é permitido afastarem-se com os galgos acabados de adoptar, que terão que permanecer nas instalações do Canídromo até ser encontrado, pelos adoptantes, um espaço em Macau onde possam permanecer até ser possível a transferência para Hong Kong, onde é exigido um período de quatro meses de quarentena. Sendo certo que o Governo da região vizinha anunciou já não ter vagas para quarentena antes de Dezembro.

“O Canídromo vai fechar a 21 de Julho, por isso temos que retirar o cão daqui antes do prazo limite. Mas como o Governo de Hong Kong não tem vagas para quarentena neste momento, então temos que esperar até Dezembro. Aqui o IACM disse-nos que temos que esperar até Dezembro, e no entretanto eles arranjam alguém para tomar conta dela, mas estavam a

costrar-nos 7.500 por mês, penso que não é justo”, conta a senhora Joey Chow, que veio com o marido e o filho de Hong Kong e acaba de adoptar um galgo.

A família Chow diz ter encontrado entretanto quem lhes cuide da cadela até ser possível transferi-la para a RAEHK. “Encontrámos o dono de uma loja de animais em Macau, ofereceu-nos ajuda e cobra-nos metade do preço por mês. Vamos deixá-la aqui, nessa loja de animais. E tentaremos encontrar alguma empresa de serviços de emigração de animais, em Hong Kong, a ver se conse-

guimos uma vaga para quarentena o mais rápido possível”, conta Joey. “Por favor cuide bem dela, ela agora faz parte da família”, pede o marido de Joey ao ‘handler’, que a leva de volta para o canil do Canídromo.

O REGRESSO A CASA DE JACK

Entre os galgos disponibilizados pelo Canídromo no primeiro dia de adopção, organizado a 17 de Junho, estava Jack, galgo que protagonizou a campanha australiana “Bring Jack Home”, iniciada em 2015 por Nora

Anderson, que tenta desde então recuperar o animal enviado para o Canídromo de Macau, e que já havia resgatado Millie, a irmã de Jack, das corridas de cães australianas. Edith Lam, membro da direcção da Anima, cruzou-se com a história de Jack quando, em Abril de 2017, adoptou Garlic, que encontrou no Canil Municipal de Macau, e que, segundo conta, é um dos sete galgos entregues no passado pelo Canídromo ao IACM. “Quando adoptei a Garlic, a Nora contactou-me através do Facebook. Contou-me que a Millie tinha um irmão

no Canídromo. Algum tempo depois, dei-lhe o número que está tatuado na orelha da Garlic e ela disse-me que a Garlic e o Jack são meio-irmãos. Perguntei qual era o nome de corridas do Jack e ela disse-me que era City Hunter. Contactei o Canídromo, que me disse que o Jack tinha proprietário e não estava disponível para adopção”, recorda. E Edith persistiu. Em 2017 foi insistindo com o Canídromo, para saber se o dono estaria disponível para libertar Jack. “Há um mês, quando soube que o Canídromo iria libertar todos os cães, submeti no-



EDITH LAM COM JACK E GARLIC



TIGER WU, VETERINÁRIO-CHEFE DO CANÍDROMO

vamente o formulário, liguei outra vez, contei a mesma história. No primeiro dia de adoção, voltei. Talvez tenha sido tão chata que eles libertaram o Jack, disseram que era um dos cães que estava para adoção. Verifiquei duas vezes o número na orelha do Jack, pois eu achava que o Jack era listado, como um tigre, a Millie é listada”. E como sabia qual o número que Jack trazia cravado na orelha? “Conhecia o nome dele de corridas, City Hunter. Investiguei a base de dados do Canidromo e cheguei ao número de orelha. Li tudo sobre a campanha para recuperar o Jack”, conta Edith, enquanto passeia Jack e Garlic na praia de Hác-Sá, em Coloane, onde vive. Quando finalmente viu Jack, a 17 de Junho, diz ter-se cumprido a missão a que se havia proposto. “Pensei:

‘encontrei-te, a Nora vai ficar muito feliz’”. Segundo explica Edith, Nora Anderson virá a Macau buscar Jack, mas só quando a sua situação clínica o permitir. “Na semana passada não sabíamos se ele voltaria a casa, porque o seu baço tem problemas. O veterinário diz que ele tem febre e no raio-x viu que o baço tem traumas e manchas negras. Foram enviadas células dele para Hong Kong e ontem o veterinário disse-me que não é cancro. Uma vez que ainda tem manchas, terá que repetir o teste todos os anos. Eu e a Nora devemos optar pela remoção do baço”. Só depois da cirurgia, explica, será avaliada a possibilidade de o animal viajar para a Austrália. Por esclarecer estão as feridas que Jack apresenta no corpo, e que Edith atribui à violência de que terá sido

alvo no Canidromo. “É suposto eles viverem lá em celas separadas, mas não sei porquê, ele tem tantas feridas no corpo, arranhões no joelho. Não sei o que aconteceu, mas parece ser resultado de lutas de cães”. Adoptado há menos de duas semanas, Jack, agora com cinco anos, vai-se adaptando aos poucos a um mundo ainda desconhecido, depois de uma existência confinada ao espaço do Canidromo. Muito manso, observa a imensidão do mar como quem deslinda coisa nova. Junto à praia, coloca frequentemente a cabeça de baixo do lombo de Garlic, um ano mais velha. “Ainda está nervoso e desconfortável, em casa esconde-se muito debaixo da Garlic. Ela está a ensiná-lo a adaptar-se a um novo ambiente, está a introduzi-lo no mundo”.

NA DERRADEIRA NOITE, ACORRE A MULTIDÃO À PISTA

A possibilidade circulava há semanas entre os apostadores, e Yi Yin Foon tratou de arrancar a confirmação junto da empresa. Sábado, 30 de Junho é a última noite de corridas e apostas na história do Canidromo de Macau. A multidão que ao início da noite se estende pelo recinto não o desmente. A habitual dormência nas bancadas, nos rostos apoiados nas grades junto à pista, o passo arrastado de idosos a conferir ganhos nos talões, são hoje substituídos pelo inesperado frenesim de quem quer testemunhar o último folêgo daquela a que as associações internacionais de protecção dos animais sempre colaram o rótulo de mais cruel pista de corridas de cães do mundo.

“Hoje é só para aproveitar, nenhum dos meus cães está a correr, já me despedi deles na quinta-feira. Falei com os responsáveis da empresa, hoje é a última noite. Os meus cães são deles, agora. Estou bem, já me despedi deles”, assegura o senhor Yi, enquanto sorve o cachimbo, estirado no lugar que habitualmente toma nas bancadas.

Borbulha a área de apostas, encaixam-se os jogadores nas filas, hoje extensas, dos balcões. Olhos atirados ao alto, na direcção do monitor, onde se seguem os segundos escassos de cada corrida. A velhinha que em cada noite ciranda na área das apostas, veste hoje um fato rosa, de seda. O habitual molho de talões e notas nas mãos. Veterana das corridas, que todos parecem conhecer.

Junto à pista, apoiado na grade branca, Feng Jianteng, de 24 anos, conta o que justifica a incursão inaugural no Canidromo. “Viemos de Shenzhen porque esta é a última noite. Isto é ‘cool’, mas não sei bem o que pensar. É uma tradição nossa, mas é duro para os cães. Não gosto de apostar, vim só para ver, hoje faz-se história”. Conta que, na área das apostas, ouviu os velhos resmungar, que se estivesse sempre assim, cheio de gente, o Canidromo não fechava.

“Talvez devesse fechar. Mas não creio que vá ser bom para os cães, eles vão ser todos mortos. Não acredito que sejam adoptados, são muito fortes para estar numa casa. Nunca vim antes pois só agora tenho 18 anos. Não gosto disto, na verdade. Só vim porque é o último dia”, conta Lam Cheng Fong, um rapaz de Macau. Na pista, um funcionário recolhe as fezes dos animais,

tarefa repetida antes de cada prova. “Estou aqui há cinco anos, não sei para onde vou a seguir”, responde, encolhido, às perguntas sopradas pelo PONTO FINAL do lado de cá da grade. Sobre o encerramento do Canidromo: “Está ok, foi a decisão do Governo”. É melhor para os cães? “Penso que sim”.

Benny Lam, de Macau, veste uma camisola da selecção portuguesa de futebol. Tem 32 anos e negócio em Fujian. “Estou triste por fechar, isto é algo que pertence a Macau, que o mundo inteiro conhecia. Só cá vim quando andava na escola, em visita, no Dia do Desporto”. Hoje está empenhado em apostar, e de forma expressiva: “Agora apostei nos cães 1, 3 e 4, 120 patacas. Trouxe 3400 patacas”, diz, enquanto ostenta o molho de notas. Vou apostar tudo o que for preciso, enquanto tiver dinheiro. Só páro quando perder tudo!”, assegura.

Na sala VIP, envidraçada, no topo da área reservada a membros, seis jovens deitam mãos a grandes pratos de fruta e despacham cervejas de olhos postos na pista. Maquilhagem carregada, juventude a puxar a idade para cima. A bebida sorvida no conforto dos sofás brancos, a contrastar com o calor que vergasta os corpos no exterior da jaula envidraçada.

A duas corridas do final, os velhos apostadores arrastam as pernas, de grossos molhos nas mãos. Junto ao senhor Yi, o parceiro, com quem partilha um sexto cão, o Accidental Partner, grita, exultante, com mais uma vitória, a segunda da noite. Corpo franzino, dentes surrados pelo tabaco, olhos escuros, cigarros chupados enquanto verifica os talões de apostas.



"O LADO DAS APOSTAS ESTEVE SEMPRE COMIGO"

Tomado pela melancolia, Yi Yin Foon, regressa ao princípio de uma ligação ao jogo que se entranhou ainda na puberdade. "O lado das apostas esteve sempre comigo. Sempre apostei nalguma coisa. Começou com o meu irmão, jogávamos às cartas, mas era muito novo, isso não era nada. Comecei com os cavalos puro-sangue em Hong Kong, tinha 17 anos. Depois fui para a universidade no Kentucky, eles tinham lá as corridas de puros-sangue, o Kentucky Derby. Foi o meu interesse inicial nas apostas, os cavalos. Quando me reformei, vinha a Macau de vez em quando e cruzei-me com os galgos. Decidi que adorava isto, decidi apostar nisto e comprar os meus próprios galgos, porque assim temos uma maior ligação à corrida, porque o galgo está a correr para mim, a correr sob o meu nome".

Há quatro anos, comprou o primeiro galgo. "No primeiro ano, comprei três ou quatro. No total comprei cerca de

trinta cães. Alguns deles tornaram-se velhos, ficaram feridos, deixaram de competir, portanto devolvi a maioria ao clube", conta o senhor Yi. Quando eles ficam feridos, o que lhes acontece? "São tratados pelo veterinário, quantos recuperam voltam a correr. Mas isso pode levar três meses, quatro meses, dependendo do ferimento". É verdade que, quando não recuperam, são abatidos? "Não posso fazer comentários sobre isso". Nunca ouviu nada sobre isso? "Eu tenho uma ideia, mas não vou fazer comentários". Ainda a digerir a despedida, o engenheiro e jogador diz-se em paz com o fim de um ciclo. "Penso que é uma grande perda para Macau. Para mim, para muitos adeptos das corridas. É parte da minha vida, nos últimos quatro anos. E depois de hoje, não mais. Talvez isso seja a própria vida, ganhas alguma coisa e no final perdes. Estou em paz com isso". O que se segue, nos seus dias? "Agora vou viajar, ver a China, ver o mais que puder. Vou começar já amanhã, vou apanhar um

comboio para Fujian. Vou começar pelo que está mais perto e depois espero ver todas as províncias, todas as grandes cidades". Vai deixar de apostar? "Nada me interessa agora, com exceção talvez do 'Pai Gow', um jogo de casino. Por enquanto, é o fim do jogo".

Yi Yin Foon descreve a ligação ao jogo como algo que em muito transcende a dimensão do ganho. "Não consigo dizer-lhe o que sinto... Eu vejo o meu galgo a correr e a ganhar como uma melhor sensação do que ganhar dinheiro, ver o meu galgo a correr é melhor do que ganhar dinheiro. Nestes quatro anos ganhei talvez um milhão e meio de dólares de Hong Kong. Mas paguei muito, paguei a manutenção, paguei pelos galgos. O montante líquido é de menos 200 mil, não vim para cá pelo lucro". Vai sentir a falta deles? "Sim, terrivelmente...".

"TIGER WU", O VETERINÁRIO-CHEFE: "EU CUIDO DOS GALGOS, EU AMO-OS"

Depois de sucessivas tentativas, no correr da noite, o

veterinário-chefe do Caníndromo acede a dialogar com o PONTO FINAL. "Trabalho aqui há quase 34 anos. Estou um pouco triste porque este é o lugar onde trabalhei durante muito tempo, trabalhei aqui quase toda a minha vida, tenho agora 55 anos", conta Wu Sung Hu. "As pessoas chamam-me Tiger Wu". O que vai fazer agora? "Estou a tentar reformar-me, já venho para aqui há muito tempo". Questionado sobre quantos galgos permanecem ainda no interior do Caníndromo, depois da saída de alguns animais nos dois primeiros dias de adopção, o veterinário não aponta número exacto. "Ainda estão aqui quase 600 cães. Vamos mantê-los e alimentá-los, não se preocupem. A empresa vai encontrar um lugar para eles". Através da adopção? "Claro, através da adopção, essa é uma das maneiras".

Confrontado com as denúncias de maus-tratos aos galgos, reveladas ao longo da história do Caníndromo, nomeadamente numa repor-

tagem emitida pelo canal australiano ABC, no final de 2015, o veterinário-chefe recusa e traça um quadro distinto. "Isso não é verdade, trabalho aqui há 34 anos, trabalho com eles todos os dias, eles recebem um bom tratamento. Vêm da Austrália, de vários lugares, têm bom tratamento". É verdade que quando ficam feridos e deixam de ser competitivos são abatidos? "Não é verdade, ainda temos cães com 14 anos dentro do Caníndromo, ainda estão aqui, e já não correm". E cuidam deles? "Sim, temos muito equipamento para tratá-los. Há muitos rumores, não gosto. Não quero brigar, não quero dizer nada. O que estou a fazer é a coisa correcta. Eu cuido dos galgos, eu amo-os. E acredito que a nossa empresa vai assumir a responsabilidade de tomar conta deles". Quando os galgos ficam feridos, o que lhes acontece? "São tratados todos os dias, fisioterapia, tratamento médico, injeções, cirurgia. Eu faço a cirurgia e eles voltam a correr. Portanto, não é como

dizem os rumores, não gosto desses comentários. Eu dou o meu melhor para os ajudar, é o meu trabalho", atira, antes de se afastar. Às 22h35, aguardam os cães no recinto de areia, antes da última corrida. Passam em fila pelo pódio metálico. Excepcionalmente, é o veterinário-chefe quem assume as honras da vistoria. Casaco branco-imaculado, gravata curta vermelha. Observa-os depois, apoiado na grade. Wind' Up, War Movie, Win's, Jeanie's Winner, Quick e Speed Love são os últimos galgos a competir na história do Caníndromo. E será Wind Up, que carrega no lombo o nº1, o primeiro a cruzar a meta. Os animais são depois trazidos para o pequeno palco frente à linha de chegada. Amontoam-se os espectadores para uma fotografia com o vencedor. Na área das apostas, alinham-se os talões nas caixas com a velocidade do gesto cronometrado. Os apostadores, estáticos, atiram os papéis para o chão. De fundo, "Für Elise", de Beethoven. Os últimos acordos a soar no Caníndromo.

